

FUTUROS MEDIADORES DE LEITURA: DEPOIMENTOS SOBRE PRÓPRIA FORMAÇÃO LEITORA

Future reading mediators: statements about own reader training

Solimar Patriota Silva

Resumo: Exames nacionais e internacionais mostram que o ensino de leitura merece maior atenção em nosso país. O panorama se agrava ao considerarmos que a maioria dos alunos depende quase que exclusivamente da escola como fonte para o desenvolvimento do hábito de ler. Desta forma, torna-se relevante investigar o que dizem futuros mediadores da leitura sobre a sua própria formação leitora, a fim de delinear o papel da escola no desenvolvimento de seu interesse pelo ato de ler; as principais dificuldades que servem como barreira ao gosto pela leitura e a que gêneros discursivos foram expostos durante sua fase de escolaridade e que propiciaram maior competência em sua habilidade leitora. Este artigo objetiva apresentar uma análise parcial de dados de uma pesquisa qualitativa feita com alunos ingressantes do curso de Letras de uma universidade particular do Rio de Janeiro, muitos oriundos das camadas populares e sem um ambiente leitor estimulante fora da sala de aula. Resultados apontam que a escola ainda desempenha papel fundamental na formação leitora desses alunos, embora os gêneros discursivos apresentados ainda sejam em número restrito. E as dificuldades e limitações encontradas na leitura demonstram que a escola ainda tem bastante dever de casa para fazer.

Palavras-chave: leitura, mediação de leitura, formação leitora, formação de mediadores de leitura.

Abstract: National and international exams show that the reading teaching deserves greater attention in our country. The picture gets worse when you consider that the many students depend almost exclusively from school as a source for the development of reading habits. In this way, it becomes important to investigate what future mediators of reading have to say about their own reading education in order to delineate the role of the school in developing their interest in this activity; the main difficulties which serve as a barrier to the taste for reading; and to which discursive genres they were exposed during their schooling and that led to greater competence in their reading ability. This article aims to present a partial analysis of a qualitative research done with students entering the Language undergraduate course at a private University in Rio de Janeiro, many of them from the popular layers and without a stimulating reader environment outside the classroom. Results indicate that the school still plays a fundamental role in training

students, although the reader of these discursive genres presented are still restricted in number. And the difficulties and limitations found in reading show that the school still has a lot of homework to do.

Keywords: *reading, reading-mediation training, training of mediators reader reading.*

Considerações iniciais

Este artigo pretende apresentar a percepção de alunos ingressantes no curso de Letras acerca de sua própria formação leitora, principalmente destacando o papel que a escola desempenhou durante o processo de escolarização. Buscou-se investigar também a que gêneros esses alunos foram expostos e que lhes possibilitaram o gosto pelo ato de ler. Acrescente-se, ainda, a investigação sobre as principais dificuldades que os discentes terem se defrontado ou que julgaram desafiadoras na tarefa de ler.

Considerando que estes alunos são futuros mediadores de leitura, acreditamos ser relevante dar-lhes voz, a fim de que possamos contribuir com uma reflexão sobre a formação leitora desses alunos para buscar-se novas possibilidades para a formação dos mediadores de leitura. Ao repensar as práticas bem-sucedidas durante seu processo de escolarização, esses futuros mediadores de leitura percebem como podem atuar como modelos positivos na formação de leitores mais competentes.

Para isso, as perguntas que nortearam o recorte que trazemos para o presente artigo foram a respeito do papel da escola na formação de leitores que apreciam o ato de ler e se consideram a si mesmos leitores bem-sucedidos; quais gêneros discursivos têm sido levados para a sala de aula para trabalhar o gosto pela leitura e as dificuldades que um aluno sente em sua formação leitora. Para responder a essas questões, utilizamos uma abordagem qualitativa interpretativista neste estudo.

Primeiramente, apresentamos algumas considerações acerca do ensino de leitura e sua relação com os gêneros textuais ou discursivos, vistos, neste trabalho, como sinônimos, a fim de traçar o papel da escola no ensino de leitura e na socialização dos mais variados gêneros, para que a competência leitora se dê por meio da exposição e domínio de um número cada vez mais crescente de gêneros discursivos. Em seguida, apresentamos uma breve discussão sobre algumas dificuldades encontradas no ato de ler, a fim de percebermos, nos depoimentos dos alunos quais dessas dificuldades são mencionadas e que outras surgem em seus relatos.

Ensino de leitura e gêneros textuais

Pensamos que já está consolidada a ideia de que ler vai além do mero ato de decodificar os signos linguísticos (SOARES, 2003; MARTINS, 1999; VILLARDI, 1999, entre outros), pois se “ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas para exercer a cidadania” (VILLARDI, 1999:4), apenas decodificar palavras não dará conta de formar leitores competentes, que consigam transitar confortavelmente por uma gama de gêneros textuais, de acordo com a necessidade social de comunicação, principalmente com o advento da *internet* em que temos uma explosão de novos gêneros, chamados também de gêneros emergentes (MARCUSCHI, 2010).

O ensino da leitura (e de escrita também) deve ser feito de modo que os alunos dominem diferentes gêneros textuais (PCN, 1997), porque tudo o que comunicamos só é possível por meio de algum gênero discursivo (BAKHTIN, [1979] 2000; KRESS, 1993; MEURER, 2000). Assim, os professores devem ofertar textos variados (VILLARDI, 1999; PRADO, 1999), porque as novas demandas dos contextos sociais tornam necessário o domínio dos mais diversos gêneros para a socialização e cidadania dos aprendizes (MARCUSCHI, 2002; JOHNS, 2002 in SILVA, 2006).

O ensino da leitura, no espaço escolar, é especialmente relevante porque muitos são os alunos que dependem unicamente da escola como formadora de hábitos leitores, por não terem o privilégio de viver em famílias cujos hábitos ou formação não permitem sua exposição ao texto impresso durante a infância (CECCANTINI, 2009).

Dificuldades no ato de ler

Sabemos que as dificuldades encontradas pelos alunos no processo de sua formação leitora são muitas. Uma pesquisa feita por Alves e Camargo (2008) aponta, por exemplo, a própria falta de interesse dos próprios alunos. Acreditamos que esse desinteresse se deva a inúmeros fatores. Um dos obstáculos para o interesse do aluno pode ser, infelizmente, a própria má-formação do professor. Segundo Silva (2009), há muitos professores – de diversas disciplinas, não apenas de língua portuguesa – em nosso país, exercendo a profissão sem serem leitores. Como conseguirão formar leitores sem terem um repertório vasto de leitura para compartilhar? Esta prática perpetua

o ciclo de formação de não leitores, pois se o desenvolvimento do ser humano ocorre primeiro no nível social, é necessário que o aluno veja exemplos de leitura e leitores em seu convívio social, para que consiga internalizar a prática da leitura como hábito individual.

Mais uma vez, percebemos a necessidade de o professor mediador da leitura conhecer gêneros textuais em número cada vez mais crescente. Esse conhecimento e domínio dos gêneros diversificados deve se estender aos novos gêneros gerados da necessidade social, como é o caso dos gêneros digitais. É preciso que o professor não se veja *obrigado* a trabalhar com a leitura (PINHEIRO, 2009), pois a leitura fará parte não apenas do fazer docente desse mediador, mas deverá ser parte integrante de quem ele é e da maneira que vive. Segundo Silva (2009), o arcabouço sócio-cultural constituído também pelas leituras diversificadas ao longo da vida de uma pessoa é fundamental para que ela se torne um profissional do ensino com uma identidade bem definida.

Logicamente, não é apenas o professor, principalmente o de Língua Portuguesa, o culpado pelas dificuldades da leitura. Lembremos que alguns textos chegam aos alunos de forma superficial e fragmentada, fora de contexto, muitas vezes apenas por meio do livro didático, com objetivos de caráter conteudista, sem haver a leitura pelo simples prazer que o ato de ler proporciona.

Alves & Camargo (2008) apontam a falta de compreensão do texto como uma das dificuldades dos alunos com relação à leitura. E, se o aluno não entende, ele possivelmente desistirá de ler (BAMBERGER, 1995). A incapacidade de fazer inferências pode ser uma grande dificuldade do aluno que ainda não tem vivência de mundo ou leituras prévias suficientes para correlacionar determinados assuntos ao que está lendo. Afinal, como Braga & Silvestre (2009) afirmam, os textos dialogam entre si. E, acrescentamos, para que a leitura seja significativa, é necessário que o leitor também dialogue com esses textos.

A falta de material disponível também é apontada como um problema. Essa escassez é traduzida pela ausência de bibliotecas ou salas de leitura na escola, bibliotecas públicas ou comunitárias, horários disponíveis para visitação do aluno aos espaços existentes e a proibic o de empréstimo de livros, como se estes fossem “patrim nio” da escola.

Outra questão que não pode ser deixada de lado ao se falar em dificuldades na leitura refere-se ao vocabulário. Bortoni-Ricardo (2007) cita uma pesquisa na qual dois textos foram trabalhados como teste de compreensão, ambos retirados de livros didáticos. Um apresentava vocabulário menos refinado e o outro texto, vocabulário mais erudito. Os textos foram aplicados a alunos da mesma série em diferentes as escolas, sendo uma de classe média e outra de classe baixa.

Posteriormente, foi pedido que os alunos recontassem as histórias a partir de seu entendimento. A autora relata que os dois grupos tiveram melhor desempenho no texto mais simples, porém os alunos de classe média tiveram desempenho significativamente melhor no segundo texto quando comparado aos alunos de classe baixa. Em síntese, é possível afirmar que o aluno se sairá melhor com textos que reproduzam o vocabulário que lhe é familiar. Isto não quer dizer que devemos apenas propor textos cujas palavras sejam “fáceis”. Pelo contrário, destacamos a importância de trabalhar a leitura objetivando a ampliação o vocabulário dos alunos.

Metodologia

Este artigo traz um recorte de uma pesquisa, na qual 234 alunos, ingressantes dos cursos de Pedagogia e Letras de uma instituição de ensino superior particular, responderam voluntariamente, durante os dois semestres letivos do ano de 2010, a um questionário. Este apresentava dez questões, abertas e fechadas, acerca de suas concepções de leitura, leitor, bem como o papel da escola em sua formação leitora e principais dificuldades encontradas no ato de ler, entre outras questões. No recorte que fizemos para este trabalho, analisamos 41 questionários respondidos por ingressantes do curso de Letras do primeiro semestre de 2010.

Dentre as dez perguntas, trazemos à luz para análise e discussão três delas, as quais objetivavam investigar a percepção dos participantes acerca do papel da escola no desenvolvimento da competência leitora; que gêneros textuais esses futuros mediadores da leitura escolheriam em suas salas de aula para despertar o gosto de ler e o que consideravam ter sido (ou ainda ser) mais difícil no ato de ler.

A análise dos dados é de base interpretativista e lançou mão da recorrência das escolhas lexicais dos alunos participantes ao escreverem acerca de sua própria formação leitora.

O papel da escola

A tabela 1, a seguir, mostra o panorama do papel da escola no desenvolvimento do interesse pela leitura, conforme apontado pelos participantes da pesquisa.

Nos dois primeiros itens da tabela, percebemos que um total de 5% dos alunos respondentes afirma que embora tenham passado onze anos nos bancos escolares, esta atividade

não exerceu influência alguma em seu interesse pela leitura. Ou, ainda pior, suas ações foram tão negativas que os fizeram não gostar de ler. Ao afirmar que a escola não exerceu algum papel preponderante em sua formação leitora, esses alunos apontam a falta de incentivo da escola, ora sendo passiva em relação a ações que promovessem a leitura, ora exercendo seu papel de forma autoritária, sem levar em conta a diversidade de gostos, interesses e, até mesmo, ritmos – de aprendizagem, de leitura etc. – dos alunos.

Tabela 1: O papel da escola no desenvolvimento do interesse pela leitura

Classificação	Respostas
Me fez não gostar de ler	1
Nenhum	1
Fraco	8
Mediano	13
Total	18
Número total de respostas	41

Oito participantes, totalizando quase 20% dos entrevistados, afirmaram que a escola desempenhou um papel bem fraco concernente ao desenvolvimento de seu interesse pela leitura. Entre os fatores que justificam essa posição, os alunos citam livros desinteressantes a que eram simplesmente obrigados a ler, sem poder de escolha, além de servirem para a cobrança de matéria e notas. Também a falta de incentivo à leitura na escola como um dos fatores que contribuíram para a falta de desejo de ler. Houve também a acusação de que nenhuma leitura feita a pedido da escola tenha sido marcante e que, portanto, as tentativas da escola em formar leitores foram débeis.

No que concerne à atribuição de um papel mediano na formação leitora desses alunos, as recorrências das justificativas apontam para a falta de incentivo, mais uma vez. Esses alunos afirmam que a escola trabalhou pouco a questão da leitura em seu espaço. A leitura era vista como obrigação para fazerem trabalhos, os livros não eram do interesse dos alunos – ou, pelo menos, os assuntos abordados não tinham ligação com esses interesses. Outros afirmaram que a prática da leitura sempre era uma tarefa a ser feita em casa e a escola não cedia parte do tempo dedicado aos

estudos para que a leitura fosse feita em sala ou em outro espaço dentro da própria escola. Alguns ainda apontaram que textos mais “sérios”, isto é, com maior profundidade e extensão só foram vistos tardiamente a partir do Ensino Médio.

Por outro lado, dois alunos atribuem um papel mediado da escola em sua formação leitora como forma positiva, dizendo que, pelo menos, houve algum incentivo ao conhecimento ou leitura. Ou seja, esses alunos viram algo de positivo na intervenção escolar, ainda que, talvez, não tivesse sido o suficiente, de acordo com suas percepções, para torná-los melhores leitores. A transcrição abaixo ilustra esse ponto de vista:

A escola teve um certo papel, mas não foi o suficiente para aumentar meu interesse de uma forma tão grande (A126)

Percebemos que A126 afirma que a escola exerceu seu papel de formação de leitores até certo ponto, pelo menos para esse aluno. Contudo, parece haver fracassado em influenciar os alunos tão positivamente quanto deveria. Pelo menos essa parece ser a opinião de quase um terço dos alunos entrevistados.

Por fim, a maioria dos alunos participantes (cerca de 44%) destacou que a influência da escola em seu interesse pela leitura foi total e atribuíram isso a três fatores principais:

- a) bons professores – os quais foram citados por promover o estímulo e incentivo necessários ao ato de ler, apresentar a leitura como fonte prazerosa de conhecimento e porta para um mundo novo, além do dinamismo com que trabalhavam a leitura em suas aulas;
- b) benefícios da leitura – alguns participantes da pesquisa destacaram que a escola os fez perceber que a leitura seria importante para a sua formação profissional, para o mercado de trabalho e, assim, despertou-os para a necessidade da leitura na aprendizagem. Apesar de, à primeira vista, parecer que a escola destacou apenas o caráter utilitário da leitura, esses alunos se tornaram leitores de obras variadas e não apenas daquelas voltadas para a formação profissional;
- c) acesso – este fator foi apontado como de grande relevância por praticamente todos os alunos participantes. E eles entendem o acesso aos livros não apenas como a existência de um acervo disponível na escola. Destacam que deve haver tempo para ler na escola, muitos livros disponíveis, sala de leitura com atividades variadas que promovam e

incentivem a leitura, além de os professores desenvolverem tarefas que cobrem a leitura dos alunos, mas que vá além da mera aplicação de uma prova ao final da leitura.

Convém destacar os depoimentos de três alunos participantes da pesquisa que afirmaram ser compensador o acesso a livros na escola à carência deles em casa; que a escola reservava tempo para leitura em suas atividades diárias e que, sim, foi a escola quem os conduziu pelas trilhas do gosto pela leitura.

Como não tive acesso a livros em casa, a escola me ajudou muito (A113)

Boas aulas de literatura e 2 horas por dia reservadas exclusivamente à leitura (A122)

[A escola] abriu portas para esse interesse e caminho para esse hábito (A112)

Com os depoimentos acima, percebemos que, apesar de todas as mazelas e fragilidades da escola, ela é ainda fortemente apontada como responsável pela formação leitora, preenchendo lacunas na formação da leitura da família e incentivando os alunos a formarem o hábito e o gosto pela leitura. Destaquem-se, em especial, os momentos reservados para a leitura livre, sem obrigação de provas, questionários, entre outras atividades em que a leitura parece ser mais um meio do que uma atividade-fim, em que o aluno lê simplesmente pelo prazer ou gosto de ler.

Gêneros textuais para despertar o gosto pela leitura

Ao questionarmos os futuros mediadores da leitura sobre que gêneros textuais utilizariam em suas salas de aula para despertar o gosto pela leitura, na realidade, objetivávamos averiguar a recorrência de gêneros contidos nas respostas e que pistas essas respostas fornecem quanto à exposição desses próprios leitores a gêneros textuais variados.

A tabela 2, a seguir, apresenta os resultados da recorrência das respostas dos alunos respondentes do questionário. Nela temos um panorama geral das respostas dadas à pergunta: *Que gêneros textuais você utilizaria em sua sala de aula para despertar o gosto pela leitura?*

Primeiramente, percebemos que as respostas estão categorizadas de dois modos; os gêneros propriamente ditos e respostas diversas que foram dadas à pergunta. Na primeira categoria, temos a menção a onze gêneros discursivos. Os livros de literatura infantil e o jornal foram os mais citados, tendo em segundo lugar os gibis e as revistas, seguidos por contos, piadas, rótulos, placas, charges e anúncios.

Esses dados parecem indicar, primeiramente, o desconhecimento do que significa *gêneros textuais*, parecendo que a nomenclatura é mais comum no meio acadêmico, mas não está arraigada nas práticas leitoras cotidianas. Além disso, se considerarmos que essa era uma pergunta que permitia respostas livres e, portanto, variadas, por parte dos participantes, os gêneros textuais mencionados aparecem em um número ínfimo. Isso talvez indique a falta de domínio de gêneros textuais mais diversificados por parte desses futuros mediadores da leitura. Acrescente-se que, ao inserir *rótulos e placas*, por exemplo, como gêneros que despertariam o gosto pela leitura, pode ser que os respondentes tenham confundido *despertar o gosto pela leitura* com proporcionar a leitura de gêneros do cotidiano para ampliar a habilidade leitora. Afinal, será que ler rótulos ou placas é realmente uma atividade de leitura prazerosa, capaz de formar leitores para a vida inteira? Embora consideremos que seja necessário expor o aluno a gêneros diversificados para que sua competência leitora seja trabalhada, acreditamos que há gêneros que não funcionam como motivadores da leitura prazerosa.

Tabela 2: Gêneros textuais e outras respostas mencionadas

Gêneros mencionados	Respostas “genéricas”
Infantis – 4	Textos de fácil compreensão – 4
Poesia – 4	Cotidiano – 4
Jornal – 4	Livros literários – 3
Gibis – 3	Paradidáticos – 1
Revista – 3	Interesse do aluno – 1
Contos – 1	Narrativos – 1
Piada – 1	Literatura mais jovem – 1
Rótulos – 1	Livros bem ilustrados – 1
Placas – 1	Linguagem menos formal e mais descontraída – 1
Charges – 1	
Anúncios – 1	De acordo com a faixa etária – 1
	Apoio da família – 1

Na segunda coluna, a qual denominei *respostas “genéricas”* contém contribuições variadas que passam desde a confusão que ainda se faz entre gêneros e tipos textuais (daí aparecerem textos narrativos nas respostas) a ações que poderiam ser feitas para estimular o gosto pela leitura – e não gêneros textuais específicos para isso. É o caso de respostas como o apoio da família. A maioria dessas respostas concentrou-se em generalidades, como textos de fácil compreensão, de interesse do aluno, do cotidiano, livros paradidáticos ou com ilustrações e com linguagem mais fácil, descontraída ou menos formal.

É preocupante que futuros mediadores da leitura não tenham em seu repertório um vasto conhecimento dos gêneros textuais que podem ser efetivamente levados para a sala de aula para que despertar, em seus alunos, o gosto por ler. Os gêneros textuais mencionados foram em número bastante limitado e todos voltados para os gêneros tradicionais, não havendo nenhuma menção a gêneros textuais dispostos nos ambientes digitais, tais como *fan fictions*¹ (também conhecidas como *fanfics*); *charges* – as quais, na *internet* possuem som e movimento; *e-mails*; *blogs*; *chats*; entre outros.

As dificuldades encontradas na leitura

Ao resgatar dos participantes sua percepção do que se constituiu (ou que ainda seja) suas principais dificuldades encontradas na leitura, objetivou-se investigar possíveis obstáculos ao ato de ler para que, conhecidas algumas das razões recorrentes, possamos, em um trabalho futuro, propor ações para minimizar o impacto desses desafios à formação leitora dos alunos.

A tabela 3, a seguir, mostra as razões apontadas pelos futuros mediadores de leitura como principais desafios à leitura, bem como a recorrência dessas respostas.

Duas das respostas não foram analisadas, pois estavam ilegíveis. Assim, das 39 respostas, temos cinco recorrências que atribuem as dificuldades aos próprios leitores, como a falta de concentração, cansaço, dificuldade na decodificação no início da fase de escolaridade ou, ainda, os problemas socioeconômicos enfrentados pela família e que acarretou em uma dificuldade pessoal na leitura. Por fim, um dos participantes, o aluno A 130 afirmou que a principal dificuldade é achar

¹ De acordo com o *site Wikipédia* **Fanfic** é a abreviação do termo em inglês **fan fiction**, ou seja, "ficção criada por fãs", mas que também pode ser chamada de *Fic*. Trata-se de contos ou romances escritos por terceiros, não fazendo parte do enredo oficial dos animes, séries, mangás, livros, filmes ou história em quadrinhos a que faz referência, ou uma história inventada por eles. Os autores dessas *Fics* são chamados de **Fictores**.

que ler seja uma atividade interessante. Se a leitura continuar a ser vista como obrigatória e apenas para servir de trampolim para outras atividades – sejam avaliativas ou projetos que usam o texto como pretexto para outras tarefas –, dificilmente os alunos, em formação leitora, conseguirão perceber a leitura como um ato prazeroso.

Tabela 3: Principais dificuldades encontradas na leitura

Razão	Recorrência
Interpretar e entender	16
Tempo	08
Vocabulário \ linguagem	07
Textos desinteressantes	03
Concentração	02
Cansaço	01
Memorizar as letras (infância)	01
Fome, dificuldade na família (A127)	01
Achar que ler livros é uma atividade interessante (A130)	01
Respostas não analisadas	02
TOTAL	41

Três respostas mencionaram a oferta de textos desinteressantes como uma das principais dificuldades que enfrentaram. É possível que isso seja minimizado partindo-se de leituras que estejam relacionadas à faixa etária e interesse dos alunos, possibilitando escolha por títulos e gêneros variados. Além disso, o professor mediador da leitura deve auxiliar o aluno a superar os obstáculos encontrados durante a leitura, pois, muitas vezes, consideram desinteressante um texto, devido à falta de conhecimento prévio que permita entender as relações intertextuais, referências histórias, fatos sociais, metáforas, entre outros fatores.

Cerca de 20% dos participantes disseram que a falta de tempo é sua principal dificuldade. Embora, de certa forma, seja um fato que as atividades do mundo atual roubam bastante o tempo que poderia ser dedicado à leitura, principalmente, àquela feita apenas por fruição, também é verdadeiro afirmar que a falta da criação de hábito saudável de leitura desde a mais tenra idade contribui para que as porções diárias de leitura sejam deixadas de lado.

Aproximadamente 30% das pessoas disseram que seu principal desafio é interpretar e entender o que lê, enquanto 17% afirmam que o vocabulário ou a linguagem desconhecidos tornam a tarefa de ler mais árdua. Se considerarmos que a falta de vocabulário interfere na compreensão leitora, temos quase metade dos participantes dizendo que ler é difícil porque entender e interpretar são atividades difíceis.

Considerações Finais

Este artigo apresentou um recorte de uma pesquisa com alunos ingressantes do curso de Letras de uma instituição particular de ensino superior, na qual 41 alunos responderam a um questionário objetivando investigar suas percepções acerca de sua formação leitora, os gêneros a que foram expostos ou associam como motivadores no aumento pelo gosto de ler e que dificuldades encontradas durante a atividade de ler, quer em seu período de escolarização, quer desafios ainda encontrados pelos alunos, atualmente, em sua atividade de ler textos diversos.

Percebemos que o papel da escola no desenvolvimento do interesse pelo ato de ler é ainda de elevada importância, principalmente, no que se referem às dificuldades enfrentadas pelos alunos e que contribuem efetivamente para o desapego à leitura. Esses desafios apontados envolvem aspectos sociais, tais como fome e dificuldades na família; questões relacionadas aos aspectos físicos, como cansaço e falta de concentração; a má escolha ou imposição dos textos, até chegar às dificuldades relacionadas com o vocabulário difícil ou textos que demandam interpretação ou entendimento mais profundo para ser plenamente lido. Além disso, vimos que os gêneros discursivos a que eles foram expostos durante sua fase de escolarização foram marcadamente os gêneros mais tradicionais, tais como poesias, livros de literatura infantil, contos, gibis, revistas, entre outros.

Talvez tivesse sido interessante ter incluído no questionário uma pergunta na qual os alunos pudessem dizer como eles, como professores, fariam a leitura literária ser algo significativo

e prazeroso para seus alunos. Pode ser que nas respostas surgissem referências à evolução da leitora e dos modos de ler, portanto, acompanhando o desenvolvimento tecnológico. Pode ser que a ausência de uma pergunta similar tenha levado o aluno a pensar apenas nos gêneros discursivos a que foram apresentados, daí, surgindo principalmente os gêneros tradicionais em detrimento dos gêneros digitais ou emergentes.

Após a investigação, percebemos que, para que haja efetiva melhoria no quadro de mediadores de leitura, é imprescindível que, antes de se pensar na formação profissional desse mediador, formem-se leitores ávidos, competentes, críticos. Isso só pode ser feito lendo. Repito, acredito firmemente que só se pode aprender ler lendo. Lendo por gosto, lendo como hábito, lendo todos os dias, relacionando o que se está lendo com o mundo em que se vive.

É necessário que reflitamos acerca das dificuldades apontadas pelos alunos. Afinal, os principais motivos apontados são fatores que podem ser trabalhados ainda na escola, com as crianças. É possível que se instrumentalize o aluno de tal maneira que ele amplie seu vocabulário e que saiba dialogar com o texto para vencer barreiras de vocabulário ou linguagem desconhecidos e, principalmente, de desafios ao entendimento, isto é, à ‘interpretação’ do texto.

De igual maneira, cabe muito à escola a apresentação de gêneros variados diversos e, ainda que seja o mesmo gênero apresentado, como no caso livros de literatura infantil, por exemplo, que estes sejam bastante variados, a fim de que a barreira do livro “chato” ou desinteressante seja quebrada e o aluno sinta que pode, efetivamente, fazer valer sua voz e seu direito de escolha acerca de que título vai ler.

Seria bom que esses alunos, sujeitos da pesquisa, fossem entrevistados e suas narrativas levadas em consideração, a fim de termos um maior aprofundamento das respostas dadas ao questionário.

Enfim, consideramos que este trabalho contribui com uma proposta de reflexão acerca das dificuldades e limitações que os alunos passam em sua formação leitora. Sabendo disso, podemos buscar alternativas para garantir que esses desafios sejam minimizados e, assim, a barreira entre texto e leitor seja diminuída, se não derrubada.

Também pretendemos contribuir com uma discussão acerca da questão dos gêneros discursivos que, muitas vezes, são reduzidos a alguns poucos mais privilegiados que ocupam posição de destaque em nossos currículos. É necessário pensar até que ponto dominamos gêneros emergentes e como estamos incluindo as novas tecnologias e seus múltiplos gêneros em nossas

aulas, para formar leitores não nos moldes que muitos de nós, professores, fomos formados, mas, principalmente, trabalhar habilidades e competências de leitura que vão facilitar a inserção de nossos alunos nas diversas comunidades discursivas – presenciais ou virtuais – das quais eles precisem fazer parte para fins de socialização, trabalho, estudo etc. Principalmente, é necessário não apenas refletirmos, mas agirmos acerca dessas questões para mudar o panorama de leitura em nosso país.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elizeth da Costa & CAMARGO, Flávio Pereira. **A prática social da leitura literária e a formação do sujeito leitor: desafios e perspectivas**. UNIOESTE: Travessias, vol. 2, nº 3, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3174> Acesso em: abril/2011.

BAKHTIN, V.K., Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979 [2000], pp. 278-326.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Compreensão de Leitura: da palavra ao texto**. In: Palavra: forma e sentido. GUIMARÃES, E; MOLLICA, C. (org). Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007.

BRAGA, Regina Maria & SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. **Construindo o leitor competente**. 3ed. São Paulo: Editora Global, 2009.

KRESS, G. Genre as social process. In COPE, B & KALANTZIS, M. (eds.). **The power of literacy: a genre approach to teaching writing**. Pittsburgh: Pittsburgh University Press, 1993, pp. 22-27.

CECCANTINI, João Luis. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos, MARQUES NETO, José Castilho, RÖSING, Tânia M.K. (orgs). **Mediação de leitura**. São Paulo: Global, 2009. p. 207-231.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais : definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A.R. & BEZERRA, M.A. (orgs.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2002. p.20-35.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, LA. & XAVIER, A. C. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais – novas construções de sentido**, 3ª ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

MEC – **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MEURER, J. L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, M.B. & TOMICH, L.M.B (orgs.) **Aspectos da lingüística aplicada**. São Paulo: Mercado das Letras, 2000, pp.149-166.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Literatura e Ensino: O papel do professor leitor na formação de leitores literários**. COLE, 2009. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem04/COLE_3129.pdf Acesso em abr/2011.

PRADO, Iara Glória Areias. Para formar leitores na escola. In PRADO, Jason & CONDINI, Paulo (orgs). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999, pp. 81-84.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O professor leitor** In ROSING, Tânia; SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilhos Marques. **Mediação de leitura: Discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009, pp. 23-36.

SILVA, Solimar Patriota. **Os gêneros discursivos em livros didáticos de inglês como língua estrangeira**: representações e implicações pedagógicas. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.